

Mirae Asset Global Investments
**Perspectivas 2012 para
os Mercados Emergentes**



Sobre a Mirae Asset Global Investments

A Mirae Asset Global Investments é uma das maiores gestoras de recursos de ações de mercados emergentes do mundo.* Com mais de 650 funcionários, incluindo mais de 125 profissionais dedicados a investimentos, a Mirae Asset oferece grande *expertise* em mercados emergentes. A empresa possui escritórios em Hong Kong, China, Coreia, Índia, Taiwan, Vietnã, Brasil, Inglaterra e Estados Unidos, além de ter mais de US\$ 45 bilhões de ativos sob gestão no mundo todo, dos quais mais de US\$ 17 bilhões estão investidos em ações de mercados emergentes.**

*Fonte: *Investment & Pensions Europe*, janeiro de 2011

** Até 30 de setembro de 2011

Perspectivas 2012 para os Mercados Emergentes

Índice

Sumário Executivo.....	1
Mercados Emergentes Globais.....	2
China.....	8
Índia.....	11
ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático).....	13
Coreia.....	15
América Latina.....	18
EMEA (Europa, Oriente Médio e África).....	21
CE3 (República Tcheca, Hungria, Polônia).....	22
Turquia.....	23
África do Sul.....	24



Perspectivas 2012 para os Mercados Emergentes

Sumário Executivo

- Maior volatilidade tomou conta dos mercados acionários na segunda metade de 2011. A crise generalizada na Zona do Euro e as incertezas fiscais nos EUA influenciaram os preços das ações e as perspectivas globais de crescimento futuro.
- Pressões inflacionárias diminuíram nos Mercados Emergentes, como consequência do desacquecimento no crescimento global. Os preços dos alimentos e das *commodities* caíram, em comparação aos picos alcançados no início de 2011, o que resultou em queda nos preços aos consumidores e aos produtores.
- Na expectativa de uma demanda menor e crescimento mais fraco dos mercados desenvolvidos, os Bancos Centrais das economias emergentes começaram a afrouxar suas políticas monetárias. Acreditamos que essa tendência continue no primeiro semestre de 2012, uma vez que o cenário macro econômico continua incerto.
- A avaliação dos mercados acionários emergentes permanece atrativa, em comparação aos seus parceiros nos mercados desenvolvidos. Os Índices P/E se encontram abaixo das médias históricas de longo prazo e próximas aos índices mais baixos de 2008.
- Mesmo que negativo no ano, os fluxos de recursos dos mercados emergentes de ações devem reverter, modestamente, o curso em 2012, graças à avaliação atrativa e o crescimento econômico resiliente na região, embora o apetite por risco permaneça reprimido até que se materialize uma solução clara para a crise da dívida na Zona do Euro.



Mercados Emergentes Globais

Aumento da volatilidade nos mercados de ações

Os mercados globais observaram níveis extraordinários de volatilidade no segundo semestre de 2011. Incertezas fiscais e regulatórias nos países desenvolvidos agitaram os mercados e dificultaram as perspectivas de crescimento. A Standard & Poor's (S&P) reduziu a nota da dívida soberana dos EUA para um nível abaixo de AAA, pela primeira vez na história, ao mesmo tempo em que a crise da dívida soberana na Zona do Euro engolia a França, a Itália e a Espanha. A confiança do consumidor americano caiu para o nível mais baixo desde o começo da crise de 2008/09¹ e o Índice de Miséria² é o maior em quase 30 anos.

EM 2011, OS MERCADOS EMERGENTES APRESENTARAM DESEMPENHO ABAIXO DO APRESENTADO PELOS MERCADOS DESENVOLVIDOS



Desempenho passado não garante rentabilidade futura

Fonte: Thomson Reuters Datastream

Níveis dos índices MSCI EM e MSCI World reformulados para 100 em 15/11/2006

Na falta de notícias animadoras vindas dos países desenvolvidos, os investidores irão concentrar em fundamentos subjacentes dos mercados emergentes.

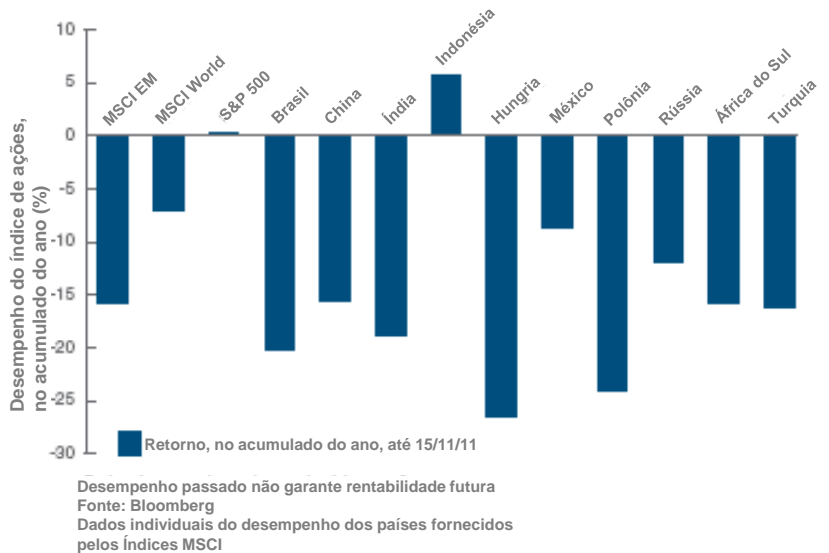
¹ Em outubro de 2011, o índice de Confiança do Consumidor do Conference Board caiu para 39,8, seu nível mais baixo em 2 anos.

² Índice de Miséria é um indicador econômico, calculado pela Bloomberg, que reúne as taxas de inflação com o nível de desemprego dos EUA.

Em meados de novembro, o Índice *MSCI Emerging Markets* apresentava queda de 15,8%, em comparação com a perda de 6,9% apresentada pelo benchmark *MSCI global*.³ Os países com os piores desempenhos eram Brasil, Hungria e Polônia, com cada um caindo mais de 20% no ano. A Indonésia tem sido o destaque positivo considerando o desempenho das ações dos mercados emergentes, com ganho de aproximadamente 4,5% até o momento, no ano⁴. O vigoroso crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), a forte demanda doméstica e as pressões inflacionárias baixas impulsionaram o crescimento econômico e as previsões de lucros para a maior economia do sudeste asiático.

Recentemente, a evolução alcançada na Cúpula da UE, os dados econômicos positivos dos EUA e da China e a forte crescimento de lucros corporativos ajudaram os mercados de ações a sobreviverem. O índice de Volatilidade CBOE (VIX) operou abaixo dos 30 pela primeira vez desde o início de agosto, graças ao amplo pacote aprovado pelas autoridades da Zona do Euro, embora ainda mais recentemente, as incertezas políticas desde o anúncio tenham aumentado a volatilidade novamente. Embora o sentimento dos investidores esteja melhorando, mesmo que vagarosamente, a tendência macro global continua não clara. Esperamos que os mercados continuem voláteis no início de 2012, enquanto persistir a crise na Europa. Na falta de notícias animadoras vindas dos países desenvolvidos, os investidores irão concentrar em fundamentos subjacentes dos mercados emergentes.

A INDONÉSIA APRESENTOU DESEMPENHO MELHOR QUE OS MERCADOS DE AÇÕES DESENVOLVIDOS E EMERGENTES



O VIX ALCANÇOU SEU PICO NO SEGUNDO SEMESTRE DO ANO



3 O Índice MSCI World inclui todos os mercados acionários desenvolvidos.
 4 Bloomberg, até 15/11/11.

A Europa continua apresentando o maior risco de queda

A crise da dívida soberana da Zona do Euro permanece o maior risco de queda para os mercados diante da economia global. Os mercados suportaram meses de alta instabilidade, enquanto os políticos europeus lutavam para evitar uma inadimplência desordenada por parte da Grécia, o que contaminaria as principais economias do continente. Devido à atual situação da Europa, esperamos observar uma moderada recessão na região e um fraco crescimento em 2012. As incertezas políticas persistirão, até que se chegue a uma solução, portanto os mercados oscilarão de acordo. Na medida em que serão forçados a se recapitalizar, é provável que os bancos europeus vendam ativos, para diminuir seus balanços e apertar os critérios de empréstimos. As tensões nos mercados de títulos soberanos continuarão patrocinando os custos a níveis historicamente altos.

O crescimento nos EUA tem sido lento, mas estável, e esperamos que essa tendência continue. O crescimento do PIB no terceiro trimestre foi 2,0% anualizado, acima do esperado. Os lucros das empresas foram fortes, no mesmo período, com 73,4% das empresas na lista S&P 500 divulgando lucros mais altos que o esperado.⁵ Mesmo assim, as previsões de crescimento foram revisadas para baixo pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central Norte Americano (FOMC). Espera-se que o PIB real não ultrapasse 3% em 2012, enquanto as previsões para as taxas de desemprego e de inflação foram revisadas para cima, mesmo nas projeções a longo prazo. O Presidente do Banco Central Norte Americano (Fed), Ben Bernanke, enfatizou que as taxas de juros seriam, “pelo menos”, próximas a zero até a metade de 2013 e confirmou

que comprar ativos lastreados por hipotecas seria uma “opção viável”, se as condições fossem “adequadas”⁶.

A economia japonesa se recuperou surpreendentemente rápido do terremoto e tsunami que devastaram o país em março e que paralisaram as cadeias de fornecimento globais do país. A produção apresentou melhora significativa nos meses seguintes ao desastre natural, antes de sofrer forte queda devido às preocupações sobre o crescimento global.

Espera-se que o crescimento do PIB se recupere em 2012, com a normalização da cadeia de produção industrial do país e o efeito de base do pequeno crescimento em 2011. Estimativas consensuais projetam, agora, taxa de crescimento de 2,5% em relação ao ano anterior, em PIB real, em 2012⁷.

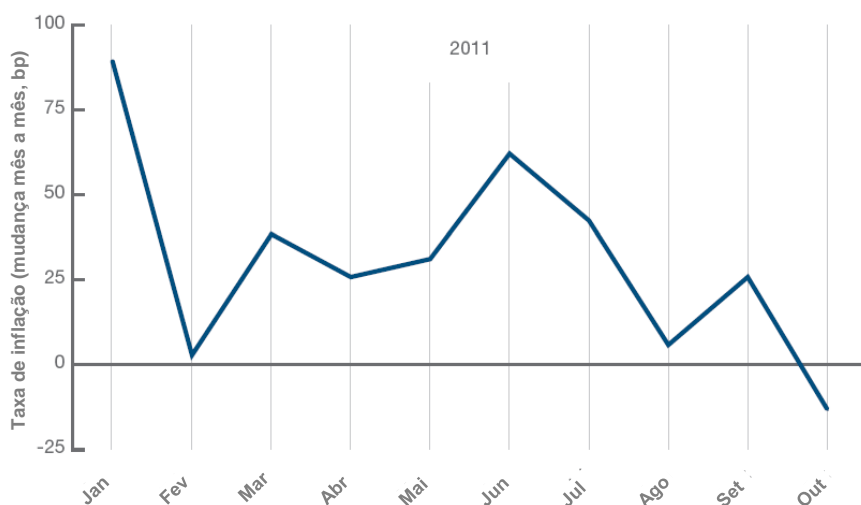
Alívio nas pressões inflacionárias

No primeiro semestre de 2011, as preocupações com inflação assombraram os mercados emergentes. Os preços de alimentos e *commodities* tiveram forte aumento, o que influenciou o aperto das

políticas monetárias por parte dos bancos centrais. A queda nas exportações e o baixo crescimento dos EUA e da Europa, na segunda metade do ano, ajudaram a acalmar as pressões inflacionárias em grandes economias e em mercados emergentes, como a China e o Brasil.

O declínio dos preços das *commodities* e dos alimentos resultou em queda nos preços dos consumidores e produtores, no segundo semestre do ano. O Índice de Preço da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação caiu mais de 9%, desde seu auge em fevereiro de 2011. Os componentes de laticínio e açúcar, que juntos representam 24% do peso do índice, caíram mais de 13%, cada um, este ano. Entre as *commodities*, observamos uma queda de 13,5% no Índice S&P GSCI Spot, desde seu ápice em abril. Ouro e petróleo (*Brent Crude*) apresentaram desempenho acima da média, com ganhos de 21,3% e 15,6%, respectivamente, no ano, até o final de outubro de 2011. Algodão, níquel e grãos sofreram queda de mais de 20%, no mesmo período.⁸

AS PRESSÕES INFLACIONÁRIAS CAÍRAM NOS MERCADOS EMERGENTES



■ Média ponderada da taxa de inflação

Fonte: Thomson Reuters Datastream, Banco Mundial
Taxas de inflação do Brasil, da China, da Índia, da Indonésia e da Rússia incluídas no cálculo da média ponderada

⁵ Bloomberg, até 15/11/11.

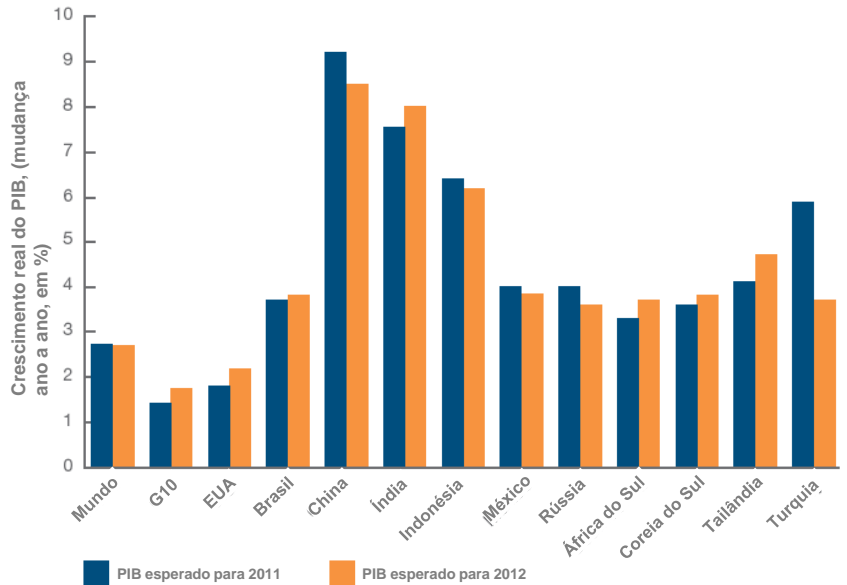
⁶ Banco Central dos EUA (Fed), Comitê de Política Monetária do Banco Central Americano.

⁷ Bloomberg, até 15/11/11.

⁸ Bloomberg, até 31/10/11.

Na China, a taxa de inflação de preços ao consumidor diminuiu, de forma consistente, para 5,5% em julho em relação ao mesmo período do ano anterior. Em outubro, alcançou 6,5% e esperamos que essa tendência continue no início de 2012. O preço de habitação despencou, desde seu ápice em abril. Os negócios imobiliários caíram 25% em outubro, comparado ao mesmo período do ano anterior, e os de imóveis novos também baixaram durante o mesmo período.⁹ Os preços dos produtores caíram, de forma constante, no segundo semestre do ano, com o crescimento de outubro em 5%, ano a ano. Esperamos que essa tendência persista no primeiro trimestre de 2012. A inflação no Brasil e na Índia continua alta e tem sido um obstáculo para as economias, embora acreditamos que já tenha alcançado seu pico nos dois países. Menor demanda global e declínio dos preços das matérias primas ajudarão a aliviar as pressões inflacionárias.

AS PROJEÇÕES DE CRESCIMENTO PARA 2012 NÃO ESTÃO CLARAS



Fonte: Bloomberg
 Projeção consensual, até 15/11/2011
 Países de G10: Bélgica, Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Holanda, Suécia, Suíça, Reino Unido e Estados Unidos

O crescimento econômico nos mercados emergentes ofusca o mundo

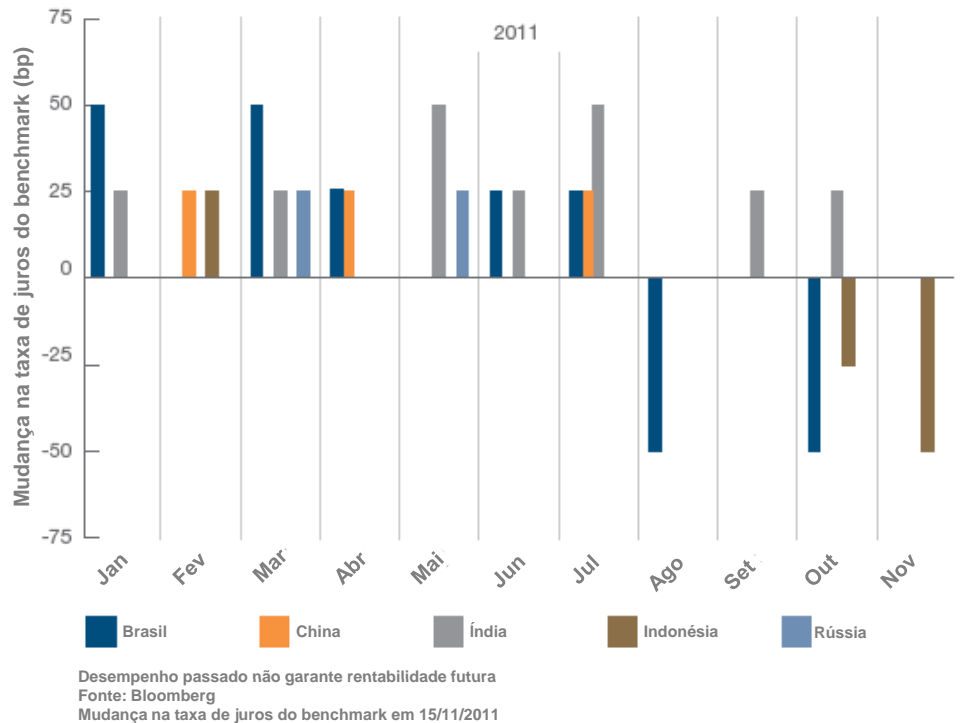
O crescimento desacelerado cercou os países desenvolvidos no segundo semestre de 2011 e espera-se que enfraqueça em 2012. O FMI reduziu sua previsão de crescimento para todos os países do G7¹⁰ e prevê crescimento do PIB inferior a 2% para as economias dos EUA e da Zona do Euro.¹¹ Entretanto, os mercados emergentes permanecem o ponto forte no que diz respeito ao crescimento global. A China divulgou aumento de 9,1% do PIB no terceiro trimestre do ano, comparado aos 9,4% de mudanças acumuladas no ano, a partir do terceiro trimestre. As preocupações com uma queda brusca da economia chinesa têm diminuído, por conta dos animadores dados econômicos e uma provável flexibilização da política monetária. O primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao,

destacou que o país irá “afinar” suas políticas macroeconômicas para manter um crescimento do crédito razoável. Os mercados reagiram positivamente a essa possível alteração na política, mencionada pelo primeiro-ministro, visto que o Índice MSCI China apresentou desempenho 5% acima do Índice MSCI AC World, desde o anúncio.¹² O surpreendente corte na taxa de depósito compulsório, no final de novembro, ilustrou a mudança de posição sobre a política monetária do Banco Central Chinês (PBOC). Os líderes chineses finalmente começaram a reagir às mudanças do cenário global de crescimento desacelerado e inflação mais baixa.

Os mercados emergentes continuam sendo um ponto positivo na história do crescimento global.

9 Instituto Nacional de Estatísticas da China.
 10 Países do G7: Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos.
 11 Panorama Econômico Mundial do FMI, setembro de 2011. – World Economic Outlook
 12 Bloomberg, desempenho de 25/10/11–15/11/11.

BANCO CENTRAL COMEÇOU A AFROUXAR A POLÍTICA MONETÁRIA



Conforme a volatilidade diminui, esperamos que o mercado se reoriente e volte a fazer negócios com base em fundamentos.

Em antecipação a um desaquecimento da economia global, os bancos centrais dos mercados emergentes começaram a cortar as taxas de juros. A Indonésia, que divulgou crescimento de 6,5% do PIB para os três primeiros trimestres de 2011, surpreendeu o Mercado ao abaixar,

em novembro, sua taxa de referência, em 25 pontos base. O Banco da Indonésia explicou que isso era fundamental para que o país ficasse “à frente da curva, antecipando-se ao impacto da economia global”.¹³

¹³ Banco da Indonésia.

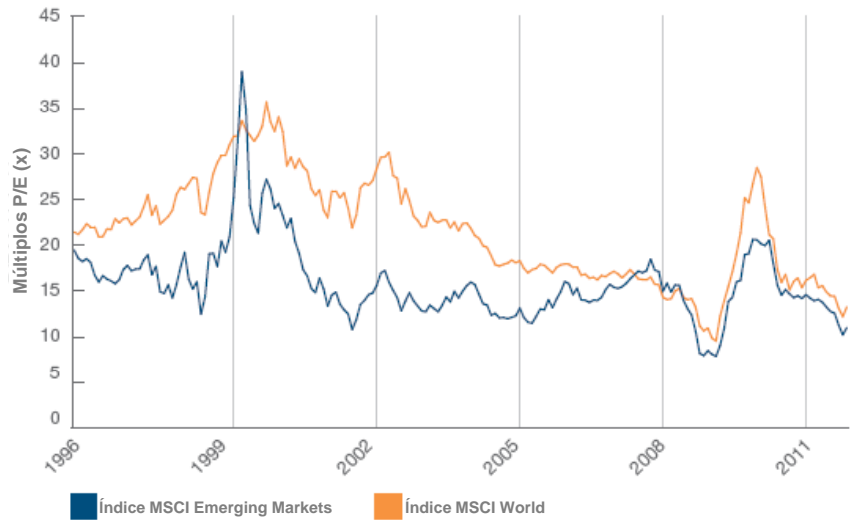
Avaliações atrativas no mercado de ações

As avaliações dos mercados emergentes estão atrativas, visto que os índices P/E e P/B permanecem abaixo da média história a longo prazo.¹⁴ Conforme a volatilidade diminui, esperamos que o mercado se reorienta e volte a fazer negócios com base em fundamentos. O Índice MSCI Emerging Markets é, agora, negociado ao índice 11x P/E futuro de 12 meses ou 27% abaixo da média histórica a longo prazo. O Índice MSCI World negocia a 13,3x e o S&P 500, a 13.2x.¹⁵

Investimentos retornam aos fundos de ações dos mercados emergentes

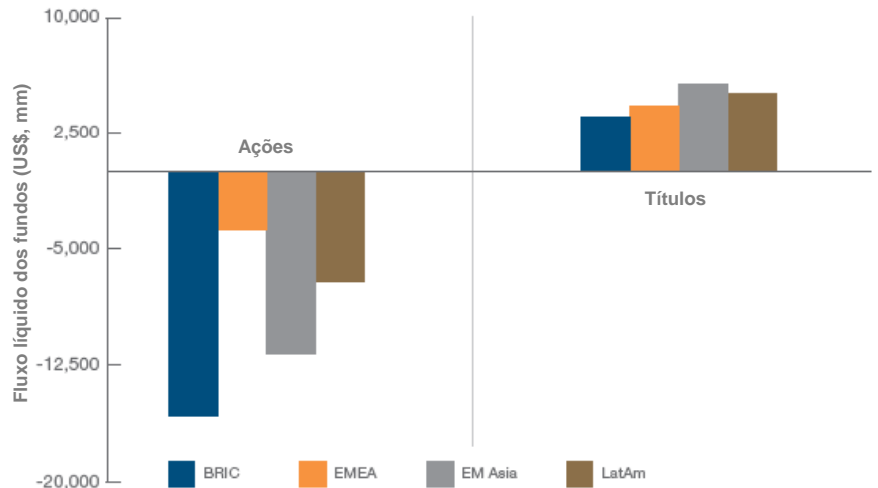
A saída de investimentos dos mercados emergentes de ações chegou a US\$ 22,8 bilhões, até novembro de 2011, comparados aos US\$ 40 bilhões em 2008. Os que mais sofreram retirada de recursos foram os países do BRIC, US\$ 15,8 bilhões.¹⁶ Recentemente, os fluxos dos fundos dos mercados emergentes começaram a reverter essa tendência, que se tornou positiva, conforme a volatilidade do mercado se torna menor do que seu auge em agosto. Daqui para a frente, esperamos Investimentos modestos em fundos de mercado emergente, uma vez que a agitação está contida nos mercados desenvolvidos e o apetite por risco dos investidores volta aos níveis anteriores à crise.

BANCO CENTRAL PERMANECE PRÓXIMO AOS ÍNDICES MAIS BAIXOS



Fonte: Bloomberg
Até 31/10/2011

OS FLUXOS LÍQUIDO DOS FUNDOS SÃO NEGATIVOS PARA AS AÇÕES DOS MERCADOS EMERGENTES



Fonte: EPFR
Até 11/11/2011

14 Média desde janeiro de 1995.
15 Bloomberg.
16 EPFR Global, até 11/11/11.

China

As preocupações com a desaceleração do crescimento são exageradas

Por décadas, a China tem sido uma história de crescimento para os investidores de ações globais. De maneira geral, nos bons anos impulsionados pelo mercado em alta, o país apresentava tendência de desempenho melhor do que de outros mercados de ações. O contrário também se provou verdadeiro em mercados em baixa.

2012 será o ano de transição dos líderes políticos da próxima geração, além de ser o segundo ano do atual 12º 'Plano de 5 Anos'

No meio do aperto doméstico e da demanda externa enfraquecida, os investidores estão cada vez mais preocupados com uma possível desaceleração abrupta no crescimento do PIB da China, em 2011. Como resultado, o mercado de Hong Kong/China caiu ao seu nível mais baixo durante o terceiro trimestre de 2011.

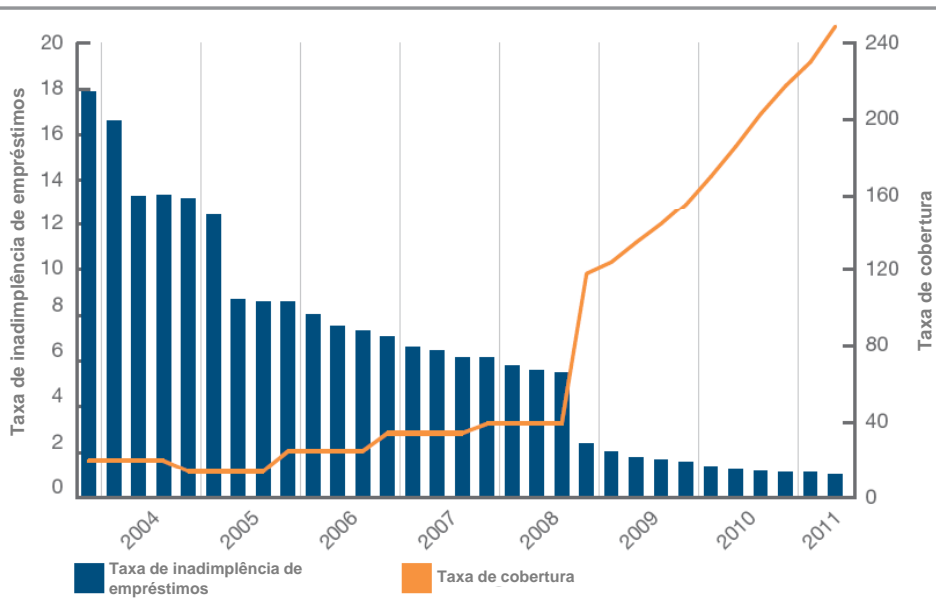
Acreditamos que as condições macroeconômicas estão melhorando na China e que a probabilidade de uma queda brusca é muito baixa. A inflação está sob controle e espera-se que ela diminua gradualmente. Do ponto de vista político, já observamos um movimento seletivo e solidário em direção às empresas de pequeno e médio porte, da dívida do governo local, do financiamento de ferrovias e das reformas fiscais piloto. 2012 será o ano de transição dos líderes políticos da próxima geração, além de ser o segundo ano do atual 12º 'Plano de 5 Anos'. Como resultado, esperamos que a orientação política se torne mais favorável conforme 2012 se inicia.

A China está passando por um período de transição econômica e espera-se que o crescimento futuro do PIB seja menor que em períodos anteriores. Entretanto, a volatilidade deve diminuir, conforme a demanda doméstica aumenta e certas indústrias se aprimoram. Portanto, em nossa opinião, a grande oscilação entre superaquecimento econômico e temores de queda brusca, observada na expectativa dos investidores, deve diminuir gradualmente. Nossa análise do país indica que a desaceleração do crescimento do PIB não quer dizer, necessariamente, retorno inferior do mercado de ações, que só é mais sensível a uma queda econômica acentuada.

Os riscos do sistema financeiro podem ser controlados

Acreditamos que a China está em uma posição financeira mais privilegiada que os EUA, a União Européia e muitos outros mercados emergentes. Sua taxa de endividamento do governo é próximo à metade do seu PIB, incluindo dívida local e nacional, o que é relativamente baixo,

TAXA DE COBERTURA APROPRIADOS DEVEM EVITAR TEMORES NO SETOR BANCÁRIO



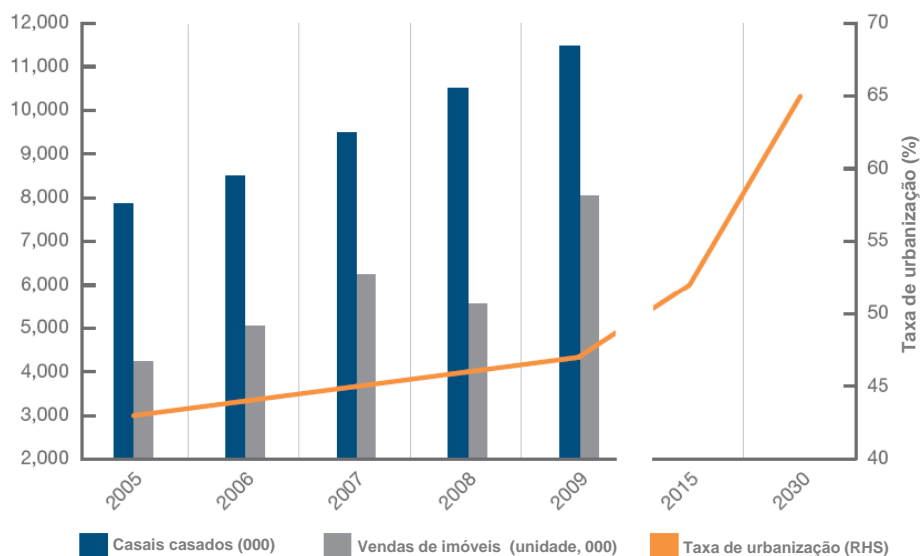
Fonte: SSB, Wind, até outubro de 2011

A China manteve uma conta corrente positiva na última década, com as reservas de câmbio crescendo de maneira estável.

quando comparado com a taxa de endividamento de mais de 100% na maioria dos países desenvolvidos. A solvência do governo local é gerenciada com base nos aumentos da renda fiscal estável e nas iniciativas de emissão. Questões relacionadas a empréstimos inadimplentes trouxeram à tona preocupações sobre a possibilidade de uma brusca desaceleração e de índices negativos de inflação real. Entretanto, observamos que a taxa de cobertura deve ser alta, para que o setor bancário possa enfrentar qualquer obstáculo. Não acreditamos que as preocupações anteriores com as empresas de médio porte de Wenzhou seja um caso nacional, como prova as fortes atividades de investimento privado.

Não estamos preocupados com uma bolha imobiliária no país, já que os múltiplos do índice P/I (*price-to-income*) estão por volta de 6,4x. Embora o índice seja maior nas grandes cidades, acreditamos que ele reflita a escassez de oferta. Por exemplo, enquanto há mais de 11 milhões de casamentos na China, por ano, a venda de propriedades é de somente 9 milhões ao ano. Os empreendimentos e as hipotecas somam menos de 20% da exposição da carteira de crédito, o que mostra menor probabilidade de recessão. Além disso, o agressivo programa social de habitação deve diminuir, de agora em diante, o desequilíbrio entre oferta e procura. A China manteve uma Conta Corrente positiva na década passada, com as reservas de câmbio crescendo de maneira estável, até 2010, a 48% do PIB. Por isso, acreditamos que os riscos cambiais são relativamente baixos.

O NÚMERO DE CASAMENTOS É MAIOR QUE O NÚMERO DE VENDAS, DESTACANDO A CARÊNCIA DE IMÓVEIS NA CHINA



Fonte: Ministério das Relações Cívicas

Estratégia de carteira

Conforme entramos no segundo ano do período de transição estrutural da China, nossa estratégia fundamental se concentra nos principais quatro temas abaixo, que chamamos de “B.I.G.S.” (sigla em inglês).

1. Consumidores de produtos de marca: impulsionado por mudanças estruturais na economia, esperamos que os salários aumentem, ultrapassando o crescimento do PIB, o que pode disparar o poder interno de consumo da China. O aumento da renda nos lares de classe média e alta, assim como grande interesse por parte dos consumidores em comprar produtos de marca, devem sustentar as marcas de bens de consumo.

2. Tecnologia da informação: os usuários de Internet na China passam mais tempo online do que os de outros países. Isso se deve, parcialmente, às demandas sociais de gerações mais novas, criadas sob a política de um único filho. Com o aumento do uso dos smartphones (espera-se que , em 2012,

a produção total desses aparelhos supere a de PCs), o uso de internet no celular pode crescer rapidamente.

3. Energia verde: a China é um dos maiores consumidores de energia e emissores de dióxido de carbono (CO2) do mundo. A eficiência energética, medida pelo consumo de energia por PIB, melhorou na última década e o governo está aplicando planos agressivos de energia alternativa para diminuir a dependência que a economia tem dos combustíveis fósseis.

4. Serviços: urbanização é um processo contínuo, com o tamanho e o número de cidades aumentando na China. Esperamos que os setores de serviço como Turismo, Entretenimento, Saúde e Educação tenham grandes oportunidades de crescimento.

Além disso, observamos uma política positiva. Ações para 2012: procuraremos oportunidades cíclicas em setores sensíveis à política, como o financeiro e o de indústrias cíclicas.

Esperamos que os setores de serviços como Turismo, Entretenimento, Saúde e Educação tenham grandes oportunidades de crescimento.

Índia

O aperto atingiu o auge

Com relação à política monetária, acreditamos que, por enquanto, o Banco Central da Índia (RBI) tenha encerrado os aumentos do índice. Espera-se que a inflação caia para 7%, até fevereiro de 2012, como resultado da queda dos preços das commodities e efeitos de base estatística.

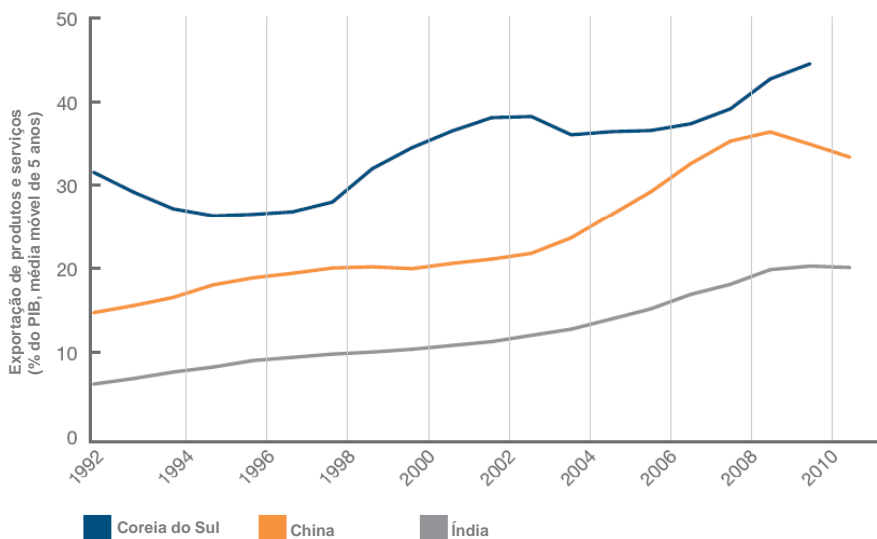
Porque a economia da Índia tem mostrado sinais de desaquecimento e existe a possibilidade de surpresas desagradáveis com relação ao crescimento global, o RBI provavelmente irá adotar uma posição “esperar e observar” no segundo trimestre de 2012. Na verdade, se o mundo desenvolvido entrar em recessão em 2012, o RBI pode cortar os juros em abril ou maio.

Custos em queda podem beneficiar os ganhos corporativos

Apesar do forte crescimento da renda, os ganhos corporativos estão sob pressão dos altos preços da matéria prima e do ônus das taxas de juros. Acreditamos que o crescimento da renda pode diminuir, embora o declínio dos custos da matéria prima e das taxas de inflação possa agir como catalisador positivo em 2012.

Observamos um crescimento de cerca de 7% a 7,5% do PIB da Índia para o ano fiscal de 2012 (encerramento em março) e 7% para o de 2013. Embora essas taxas de crescimento sejam inferiores às de anos anteriores, elas fazem da Índia a segunda economia que mais rapidamente cresceu no mundo, depois da China, com um PIB de, no mínimo, US\$1 trilhão. Continuamos a acreditar que a demanda doméstica será o principal tema dos próximos três ou quatro anos, com a economia rural/semi-urbana crescendo mais rápido que a urbana.

A DEMANDA DOMÉSTICA IRÁ AJUDAR A PROTEGER A ÍNDIA DOS EFEITOS DE UMA DESACELERAÇÃO GLOBAL



Fonte: Thomson Reuters Datastream

Estratégia de carteira

Entre os setores, preferimos empresas que são bons atores da economia rural, os fabricantes de tratores, veículos de duas rodas, fertilizantes e produtos agroquímicos. A alocação dos gastos do Governo para os principais programas rurais aumentou de cinco a seis vezes nos últimos cinco anos. Também damos preferência às empresas de consumo não cíclico em categorias pouco exploradas, como tabaco, inseticidas caseiros e colorações para o cabelo.

Na medida em que as turbulências monetárias diminuem e a paralisia política é encerrada, é provável que no primeiro semestre do próximo ano, aumentemos nossa exposição ao setor financeiro, pois acreditamos que ele deve apresentar, desempenho acima da média no ano, depois da fraca atuação em 2011. As preocupações, no curto prazo, com o déficit fiscal e o déficit em conta corrente permanecem, mas acreditamos que

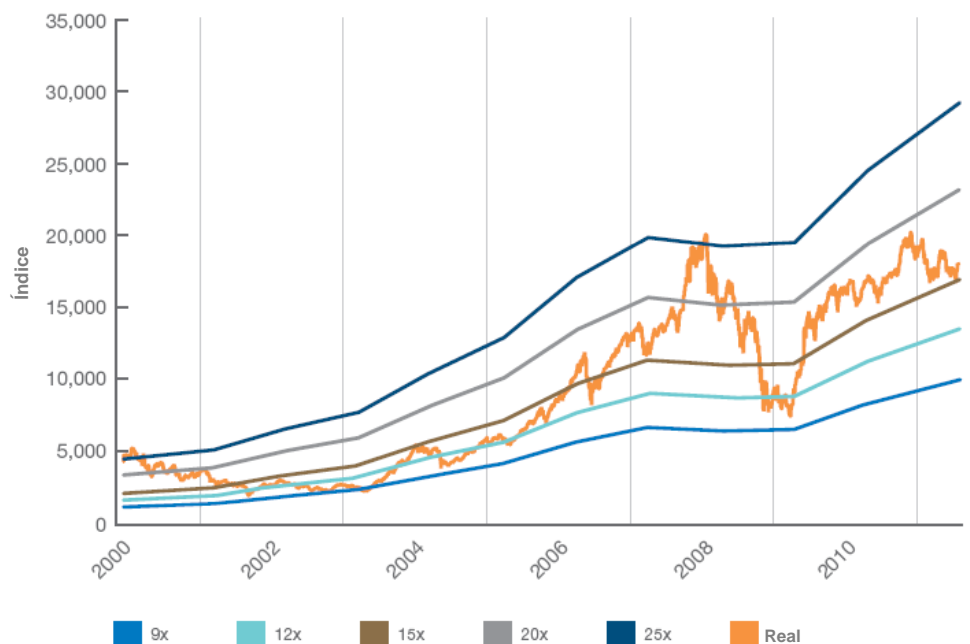
possam ser superados, se o governo reacender um ambiente positivo de investimentos, ao facilitar investimento estrangeiro direto (IED), agilizar o consentimento de licenças para minas de carvão e liquidar projetos pendentes.

Em nossa opinião, 2012 deve ser um ano de crescimento lento, em vez de forte recessão para os países desenvolvidos. Por isso, estamos neutros no setor de TI, porque acreditamos que as empresas, especialmente nos setores financeiro e varejista, continuarão a usar TI para permanecerem competitivos e melhorar sua produtividade. Mantemos nossa baixa exposição em Petróleo e Gás, visto que os obstáculos causados pela desaceleração do crescimento global permanecem altos.

Projeta-se que o índice MSCI Índia será negociado a 13.5x dos ganhos de 2012, com 6,4% de crescimento, por ação. Qualquer outro potencial para ganho será resultado de ações políticas positivas por parte do governo indiano.

No curto prazo, tanto o déficit fiscal quanto o déficit em conta corrente permanecem preocupações que, acreditamos, possam ser superadas.

NA ÍNDIA, O ÍNDICE P/E SOFREU QUEDA NO DECORRER DE 2011



ASEAN

Associação de Nações do Sudeste Asiático

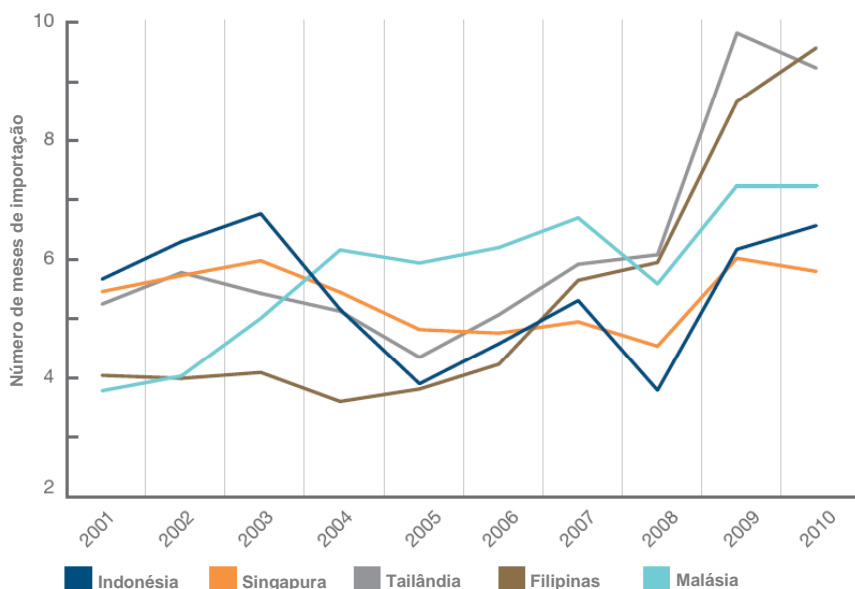
A história de crescimento permanece intocável

Após um forte desempenho apresentado pelos países da região ASEAN (sigla em inglês para Associação de Nações do Sudeste Asiático), em 2010, acreditamos que esses mercados farão uma pausa e que suas taxas de crescimento do PIB serão moderadas, por conta da desaceleração das taxas de crescimento dos mercados desenvolvidos. Essa desaceleração será inferior a tendências de baixa anteriores, mas como resultado, haverá maior dependência da China e da Índia.

Apesar da desaceleração do crescimento do PIB, no curto prazo, a previsão para a região, no longo prazo, permanece a mesma. O potencial de crescimento da demanda para uma população de 500 milhões é o ponto forte da região. Outros indicadores positivos incluem regimes de política estáveis e inovadores, assim como

macroeconomia relativamente saudável, como resultado de uma baixa relação Dívida/PIB, déficit fiscal e superávit em contas correntes. Além disso, é provável que a região se beneficie das exportações de *commodities*, tais como carvão e azeite de dendê indonésios, azeite de dendê malaio e produtos agrícolas tailandeses.

RESERVAS ESTRANGEIRAS APRESENTARAM FORTE CRESCIMENTO

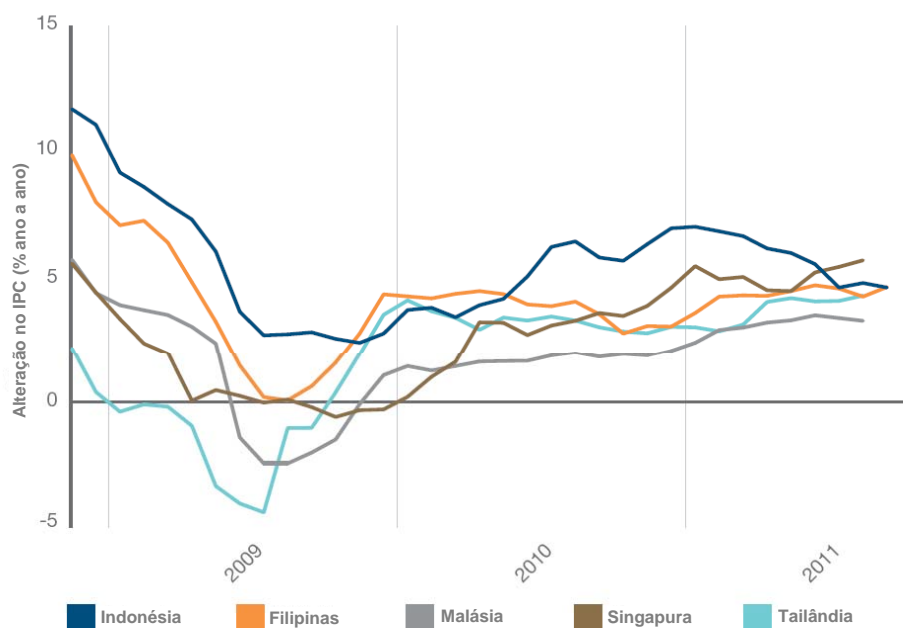


Reserva total em meses de importação (em US\$)
Fonte: Banco Mundial

Nos últimos anos, os bancos centrais acumularam reservas consideráveis, aumentando sua capacidade de reduzir a volatilidade, caso haja uma saída repentina de capitais. Os países membros da ASEAN aumentaram, significativamente, seus meses de cobertura de importação nos últimos cinco anos.

A inflação da região tem permanecido administrável em 5% e sua trajetória deve cair, devido à correção nos preços do petróleo. Acreditamos que os bancos centrais da região ASEAN continuarão pró-ativos com relação a cortes na taxa de juros, se o crescimento ocorrer devido a pressões na eventualidade de um desaquecimento global.

AS PRESSÕES INFLACIONÁRIAS FORAM AMENIZADAS EM TODA A REGIÃO



Fonte: Thomson Reuters Datastream

Acreditamos que os bancos centrais da região ASEAN continuarão pró-ativos com relação a cortes na taxa de juros, se o crescimento ocorrer devido a pressões na eventualidade de um desaquecimento global.

Fluxo de entrada de produtos manufaturados beneficia a região

A região ASEAN, especialmente a Tailândia e a Indonésia, está se beneficiando do fluxo de entrada de produtos manufaturados da China e do Japão. Por exemplo, a mudança da produção no Japão ganhou força após o devastador terremoto no país, em março, e a recente valorização do iene. A realocação da China se deu, em grande parte, por conta do forte aumento dos salários no país, principalmente da força de trabalho de produtos de baixo custo. Ao mesmo tempo, a Filipinas se beneficia por ser o maior fornecedor de funcionários para a indústria de serviço, como hotéis e companhias aéreas.

A região tem prosperado graças à crescente demanda por *commodities* agrícolas e minerais, assim como aumento nos produtos de varejo e automobilísticos. No ínterim, Singapura vem surgindo como um dos destinos turísticos mais procurados por conta de seus parques temáticos e cassinos.

Estratégia de carteira

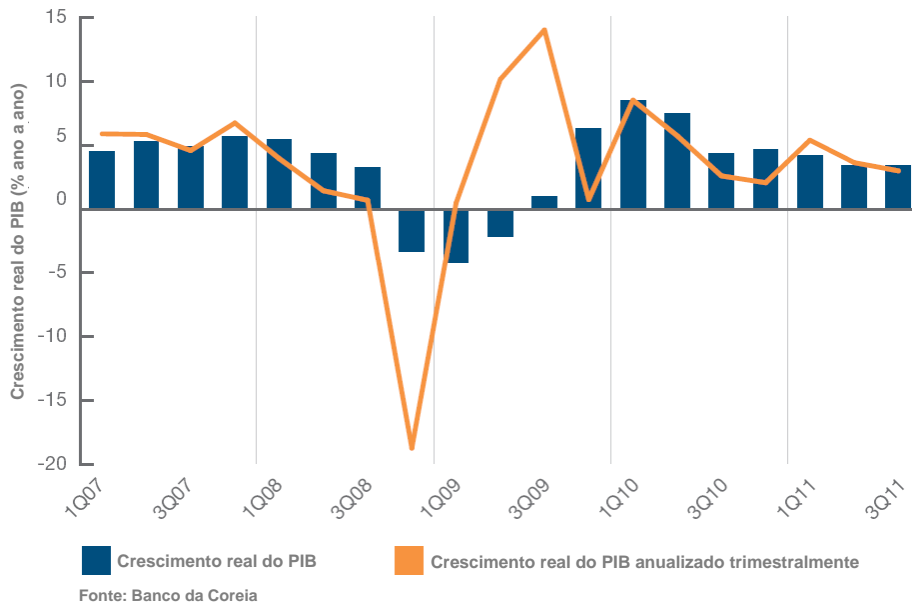
Em termos de países pertencentes à ASEAN, preferimos Indonésia, Tailândia e Filipinas a Singapura e Malásia. Entre os setores chave estão o financeiro, o de consumo cíclico e de mídia. A história da demanda secular na Tailândia favorece hospitais e varejistas, ao mesmo tempo em que nossa exposição a estoques cíclicos se devem, parcialmente, a construtores de plataforma de petróleo de Singapura e mineradoras de carvão da Indonésia.

Coreia

Economia: lenta, mas moderada

Apesar da deterioração das condições globais, a economia da Coreia do Sul mantém sua resistência graças ao crescimento, de dois dígitos, das exportações, em 2011, que foi possível porque a redução da demanda nos mercados desenvolvidos foi compensada pela dos mercados emergentes. O crescimento do PIB para 2011 está projetado para 3,8%, ano a ano, mas esperamos uma pequena desaceleração em 2012, visto que as condições globais podem impactar, negativamente, a exportação e o consumo doméstico.

CRSEIMENTO COREANO É MODERADO PELO DESAQUECIMENTO GLOBAL



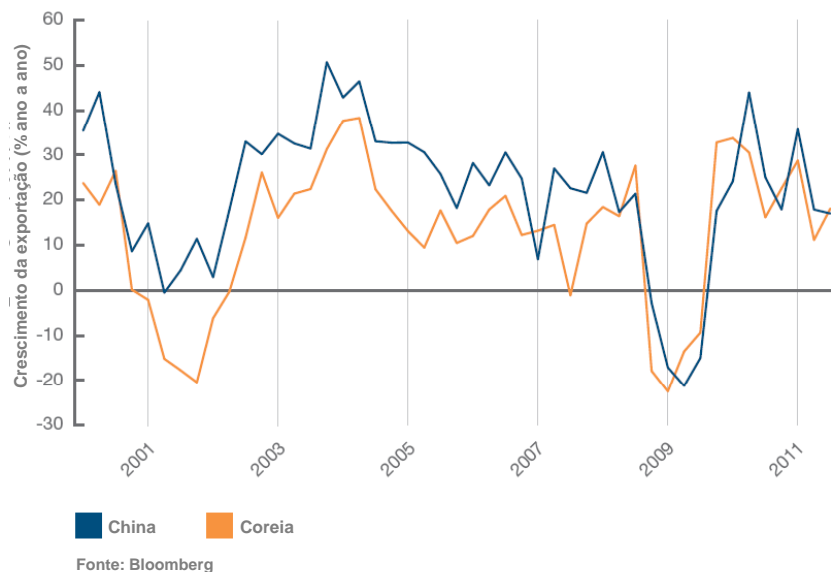
Condições globais incertas podem impactar, negativamente, os níveis de exportação e de consumo interno da Coreia do Sul.

Uma grande preocupação com relação às exportações é uma possível diminuição na demanda dos países emergentes, devido às condições dos mercados desenvolvidos. Por exemplo, se as exportações da China para os mercados desenvolvidos forem reduzidas, isso pode, por sua vez, reduzir a demanda geral dos mercados emergentes asiáticos, prejudicando as exportações coreanas. Entretanto, levando em conta a transição da China para uma economia conduzida pelo consumo e, embora o crescimento da exportação possa não ser tão grande como em 2011, esperamos que os impactos negativos mencionados anteriormente sejam limitados.

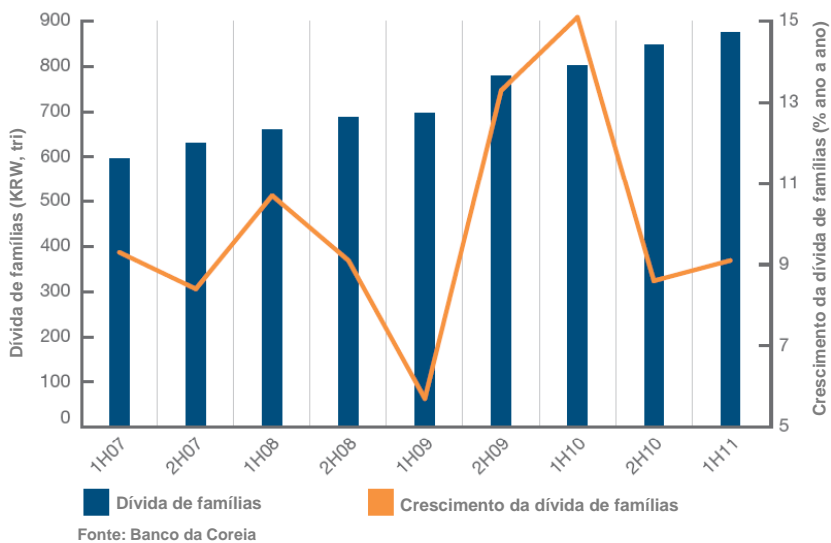
A despesa de famílias pode ser pressionada, pois se espera um forte aumento nas tarifas de serviços de utilidade pública, ao mesmo tempo em que os custos com aluguel e as dívidas das famílias continuam altas. Entretanto, com a dívida pública somente a 30% do PIB e com a aproximação das eleições presidenciais, em dezembro de 2012, o governo tem muito espaço e motivo para estimular a demanda doméstica. Portanto, políticas para incentivar a demanda doméstica e seus efeitos estarão em foco em 2012.

Com relação ao Won sul-coreano (KRW), há riscos positivos e negativos. A moeda pode desvalorizar de maneira rápida, possivelmente ao nível 1.200, se a crise da dívida europeia continuar como a principal questão no mercado. Porém, se os bancos centrais dos mercados europeus decidirem por mais uma rodada de flexibilização quantitativa, o KRW pode valorizar, mas somente ao nível 1,050.

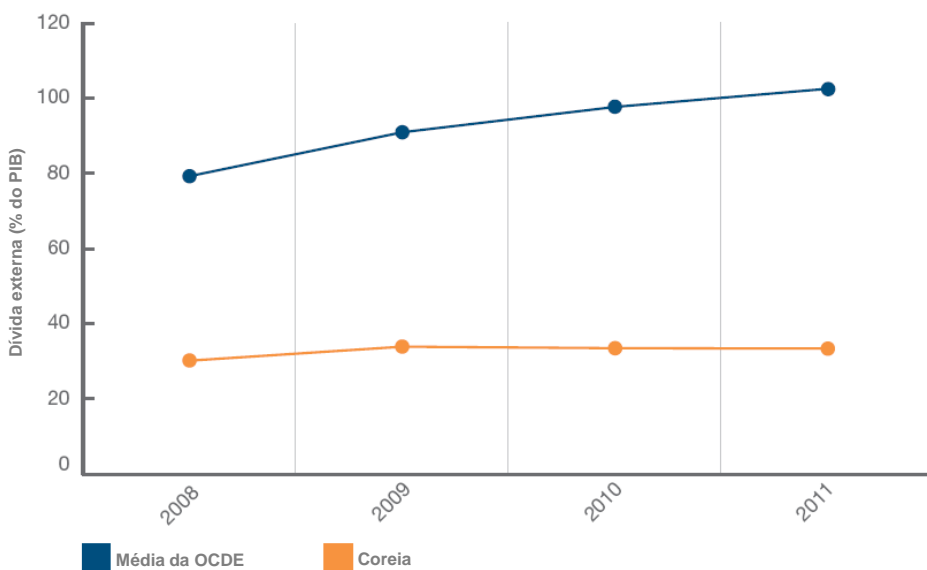
O CRESCIMENTO DA EXPORTAÇÃO DA CHINA E DA COREIA É ESTREITAMENTE LIGADO



O PESO DAS DÍVIDAS DAS FAMÍLIAS CONTINUA A AUMENTAR



OS NÍVEIS DA DÍVIDA SOBERANA PERMANECEM SOB CONTROLE



Fonte: Ministério de Estratégia e Finanças, OCDE

Com relação à projeção de crescimento global para 2012, visto que a demanda permanece relativamente tímida, acreditamos que seja importante focar na competitividade da oferta.

Estratégia de carteira

O atual mercado KOSPI possui um nível atrativo de avaliação e a capitalização do mercado está no nível anterior à crise do Lehman Brothers (KRW 1.000 trilhão), enquanto o lucro líquido pulou de 60 trilhões de wons em 2007 para 1.000 trilhão em 2011. Na nossa opinião, três principais fatores devem influenciar o mercado de ações coreano em 2012: 1. resultados da crise da dívida européia e seu impacto na economia real global; 2. a recuperação do mercado de trabalho e de habitação dos EUA; e 3. a possibilidade de afrouxamento da política monetária da China.

Com relação à projeção de crescimento global para 2012, visto que a demanda permanece relativamente tímida, acreditamos que seja importante focar na competitividade da oferta. Isso quer dizer que se deve buscar empresas/setores com grande competitividade, que permitam a geração de crescimento de ganhos altos, mesmo em épocas de incerteza.

Considerando a qualidade do produto, o poder da marca e a competitividade do custo, acreditamos que os exportadores coreanos de empresas de tecnologia e automotiva estejam em uma posição de vantagem, em comparação a seus pares. Portanto, a época e o peso do investimento em fabricantes que exportam devem impactar o desempenho geral.

As empresas coreanas de TI estão em vantagem, quando comparadas a seus concorrentes globais (ex.: empresas taiwanesas e japonesas), tanto em poder de preço (por conta do won relativamente baixo) quanto pela capacidade de investimento adicional.

Enquanto espera-se que o setor automobilístico mantenha um crescimento constante e acima do PIB e damos preferência a fabricantes de peças a empresas de produtos finais. Considerando a capacidade atual e a alta taxa operacional, acreditamos que a demanda para peças automobilísticas por partes de empresas do exterior seja maior que a demanda por carros.

Somos otimistas com relação a investimentos de longo prazo em ações de consumo, que continuam a aumentar o valor da marca e expandir para mercados estrangeiros, em meio às fracas condições econômicas globais. Considerando o desenvolvimento econômico da Coreia, espera-se que a demanda dos mercados emergentes por produtos fabricados no país, como cosméticos e artigos de higiene pessoal, aumente.

Falta de fábricas para indústria e investimento em equipamentos nos últimos anos a ganhos estáveis, graças à firme demanda de mercados emergentes e da China, são fatores positivos para os setores Químicos e Refinaria. Portanto, sinais de alívio da inflação podem resultar em políticas monetárias moderadas na China, o que é boa notícia para os investidores.

América Latina

Os mercados se concentram novamente em fundamentos

Em 2011, as ações latino-americanas ficaram para trás em relação aos Mercados Globais, devolvendo apenas uma pequena parte do enorme desempenho ocorrido na última década.

A aversão ao risco tem persistido desde o quarto trimestre de 2010, em grande parte por causa da deterioração na estabilidade financeira da Zona do Euro. Porém, para 2012, esperamos que os mercados, mais uma vez, foquem em fundamentos locais. Usando como ponto de partida um caso base de desaceleração da inflação por toda América Latina, observamos que há espaço para expansão nos mercados acionários da região, nos próximos 18 meses. Além disso, como o calendário político aparenta relativa calma em 2012, acreditamos que a volatilidade ligada às eleições será pequena.

Espera-se que as pressões inflacionárias que, em 2011, afetaram as ações latino-americanas negativamente, sejam aliviadas em 2012, excluindo fatores chave locais e recentes, que prejudicam o desempenho. A única exceção é a Argentina, onde os dados oficiais maquiam problemas mais profundos relacionados à inflação. No Brasil, prevemos que os dados da inflação já terão alcançado seu auge em 2011, seguido de uma tendência de queda por todo o primeiro semestre de 2012. O IPCA brasileiro tem permanecido persistentemente elevado desde abril de 2011, acima do teto de 6,5% da meta da inflação.

Tanto o Banco Central como o Governo do Brasil apresentaram sinais de que darão continuidade aos estímulos monetários, em uma tentativa de aumentar a produção, ao mesmo tempo em que implementam um aperto fiscal gradual. No nosso ponto de vista, isso representa uma divergência importante e, talvez, positiva, da estratégia adotada durante a crise financeira de 2008/2009, quando foram usados estímulos fiscais, seguidos de cortes na taxa Selic. Apesar disso, as projeções para o crescimento da economia caíram para menos de 4%, tanto para 2011 como para 2012, como resultado do desaquecimento da atividade global e da desaceleração do setor Industrial doméstico.

Acreditamos que o atual ciclo de flexibilização monetária no Brasil continuará, pelo menos, até a primeira metade de 2012, com as outras economias da América Latina preparadas e capazes de seguir o mesmo caminho, em caso de uma maior redução no crescimento. Os níveis de endividamento pessoal, na região, estão bem abaixo das médias dos mercados desenvolvidos e a redução dos custos da dívida ajudarão a melhorar os índices dos serviços de dívida. A atual moderação das taxas de crescimento de crédito é desejável e não observamos deterioração real na qualidade dos ativos no setor bancário da região, apesar do aumento significativo da penetração do crédito nos últimos três anos.

Espera-se que as pressões inflacionárias que, em 2011, afetaram, negativamente, as ações latino-americanas, sejam aliviadas em 2012, excluindo fatores chave locais e recentes, que prejudicam o desempenho.

Riscos políticos continuarão, mas devem ser contidos

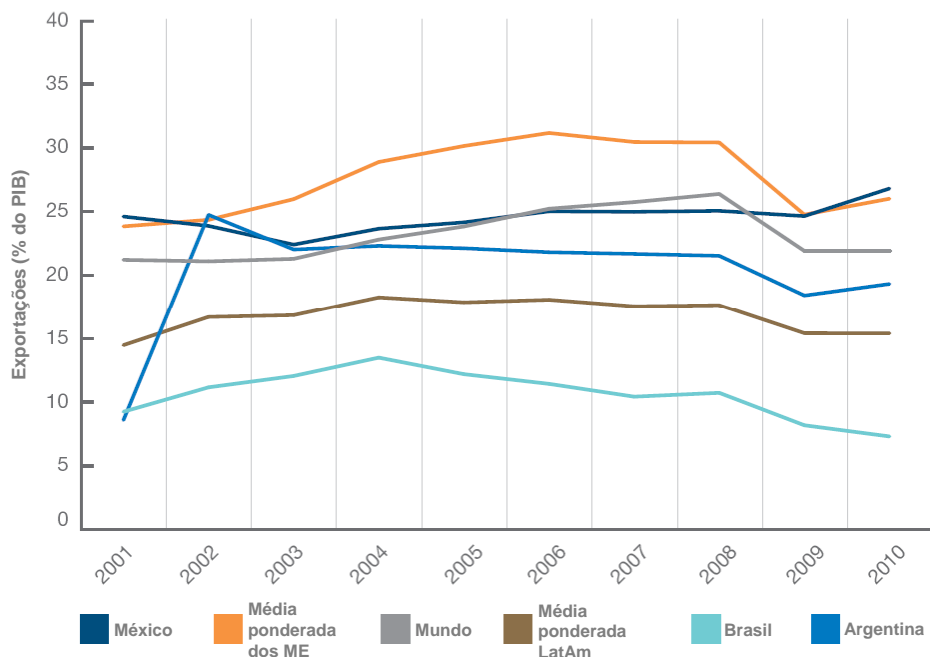
Fundamentos econômicos na América Latina foram aprimorados recentemente e estão mais fortes que os de seus pares nas regiões desenvolvidas. Embora exista risco político, acreditamos que podem ser contidos. Melhorias no risco soberano por toda a região se refletem em spreads de swap de crédito (sigla em inglês: CDS) em patamares menores diminuindo a diferença em relação aos mercados desenvolvidos. A influência do Estado na economia permanece a maior dúvida para investidores na América Latina, embora não seja esperado que um aumento gradual da tributação nos setores de mineração e energia no Brasil intimide investimentos ou evite retornos atrativos do setor privado nas próximas décadas. É necessário que se preste atenção nos riscos do protecionismo, que é global e não local.

O gráfico a seguir mostra as exportações, em porcentagem do PIB, desde 2001, ilustrando, assim, o nível em que alguns países da América Latina fazem negócio com outros países e economias. O Brasil é considerado um “país fechado” quando comparado a outros, como a Argentina e o México, que são mais receptivos ao comércio externo.

Esses achados contrastam com os dados do gráfico de pizza na página 20, que mostra que setores cíclicos globais continuam sendo os maiores componentes do Índice Bovespa, representando 45% da composição do mercado acionário. Os setores cíclicos globais incluem ações dos setores de materiais básicos e energia, enquanto que os setores cíclicos domésticos englobam ações dos setores de consumo não cíclico, financeiro e industrial. Os setores defensivos domésticos contam com ações de consumo não cíclico, telecomunicações e utilidade pública.

Melhorias no risco soberano por toda a região se refletem em spreads de swap de crédito (sigla em inglês: CDS) em patamares menores diminuindo a diferença em relação aos mercados desenvolvidos.

O BRASIL É MENOS DEPENDENTE DE NEGÓCIOS ESTRANGEIROS QUE SEUS PARES



Fonte: Banco Mundial

A média ponderada dos ME (mercados emergentes) inclui todos os índices MSCI Emerging Markets dos 21 países
A média ponderada da América Latina (LatAm) inclui Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru

O ÍNDICE BRASILEIRO DE AÇÕES ENGLOBAL, PRINCIPALMENTE, EMPRESAS CÍCLICAS GLOBAIS



Fonte: Bloomberg
Índice brasileiro de ações: Bovespa

Graças, parcialmente, à composição dos mercados acionários locais, a América Latina permanece um mercado de beta alto, exibindo volatilidade acima da média, em tempos de estresse financeiro mundial. Setores Domésticos continuam com pouca participação nos índices locais de ações, com exceção do México. Embora não haja nenhuma grande mineradora de cobre listada no mercado chileno, a correlação entre o índice e o produto em si é alta, refletindo, em parte, o impacto significativo nos termos de comércio da América Latina para movimentações em preços de *commodities*, principalmente minério de ferro, cobre, soja e outras *commodities* agrícolas. O resultado: a trajetória de crescimento da China e da Índia permanece um fator-chave para o desempenho das ações latino-americanas.

Estratégia de carteira

O Índice MSCI Latin America encontra-se cerca de 30% abaixo de seu auge, em 2008. Embora o ritmo de 12 meses de crescimento do lucro tenha desacelerado de dois para um dígito, os setores público, corporativo, bancário e de habitação da região exibem níveis confortáveis de alavancagem. Como resultado, mantemos uma posição favorável no potencial de investimento, a longo prazo, para os principais mercados da região, incluindo Brasil, Chile, Colômbia e México. Embora a perspectiva de crescimento para a Argentina e o Peru também seja forte, principalmente nos setores de consumo, estamos mantendo uma posição mais cautelosa para esses países, no médio prazo, por conta de riscos políticos para o desempenho do mercado de capitais.

Após a reeleição da Presidente Cristina Fernandez de Kirchner, tomamos uma posição cautelosa com relação às ações argentinas, devido à provável fuga de capitais, pressões inflacionárias e consequente desvalorização da moeda local. E no Peru, sinais precoces sugerem que o recém eleito esquerdista Ollanta Humala adotará uma posição mais moderada do que o esperado inicialmente.

Mantemos uma posição favorável no potencial de investimento a longo prazo para os principais mercados da região, incluindo Brasil, Chile, Colômbia e México.

EMEA

Europa, Oriente Médio e África

Rússia

A incerteza política diminui

A Rússia se saiu melhor na atual turbulência do que na crise de 2008. Os níveis de dívida corporativa são mais administráveis, com longa duração e menor proporção de empréstimos de moedas estrangeiras. O Banco Central permitiu que o valor do rublo flutuasse com mais liberdade e, portanto, tem evitado atacar a moeda. A inflação também permanece sob controle.

Portanto, enquanto a Rússia permanece com alta exposição ao crescimento global e aos preços das commodities, o crescimento econômico deve permanecer positivo em 2012, exceto no caso de uma recessão global e um colapso nos preços de energia. Além disso, a incerteza política que tem pesado no mercado foi aliviada com Vladimir Putin anunciando sua candidatura à presidência. A quase certeza de um Governo Putin sugere a continuidade da política. O acordo da Rússia com a Geórgia deve ajudar o país a, finalmente, tornar-se membro da Organização Mundial do Comércio (OMC).

A filiação à OMC pode oferecer um impulso positivo para uma maior liberalização da economia e comprometimento com uma reforma econômica estrutural, necessária para aumentar o potencial de crescimento da Rússia.

Estratégia de carteira

Visto que a Rússia não possui um perfil demográfico positivo, diferente de outros países emergentes, nossas carteiras estão posicionadas para capitalizar da crescente formalização e sofisticação do varejo moderno e do aumento do gasto do consumidor russo subalavancado que, no passado, não teve acesso a uma variada gama de produtos de consumo. Por isso, ainda temos uma visão positiva com relação aos varejistas de alimentos, à ferramenta de busca na internet líder de mercado no país e a um grande banco de varejo. Estamos cautelosos com relação aos setores e empresas sob forte controle do governo, como a empresa estatal de petróleo e gás e a do setor de utilidade pública. Por exemplo, os lucros da Gazprom são menores que seu custo de capital e, apesar de gerar bom fluxo de caixa, não resulta um lucro ideal a seus acionistas.

Ainda temos uma visão positiva com relação a varejistas de alimentos, a ferramenta de busca na internet líder de mercado na Rússia e um grande banco de varejo.

CE3 (República Tcheca, Hungria e Polônia)

Proximidade com a Zona do Euro continua prejudicando

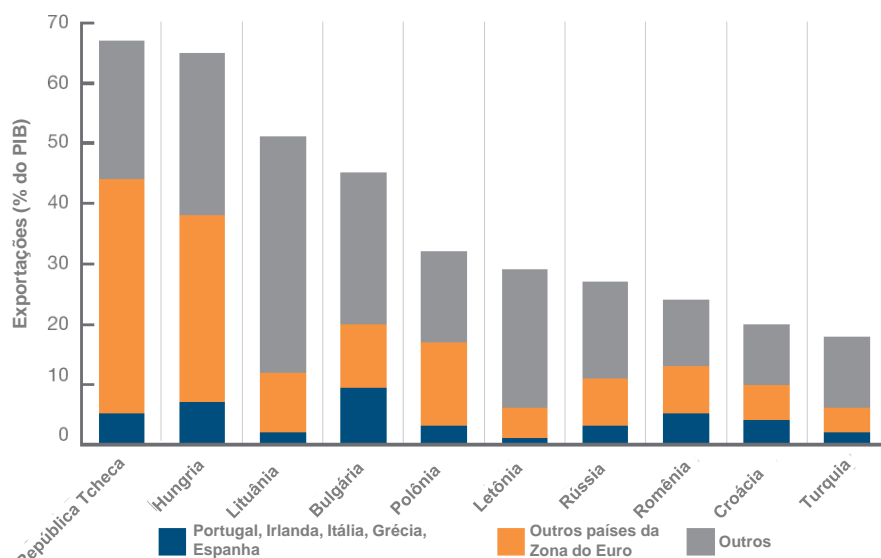
Continuamos cautelosos com relação a esses países, por conta de sua proximidade com a Zona do Euro. Todos eles possuem laços estreitos com a Europa, principalmente com a Alemanha. Por exemplo, as exportações representam 68% do PIB na República Tcheca, dos quais 2/3 são destinados a países europeus. Sendo assim, qualquer desaceleração na Europa os afeta diretamente. No caso da Hungria, além das ações externas, o país continua atormentado por incerteza política. Para reduzir o déficit orçamentário, o governo continua perseguindo empresas rentáveis,

através de altos impostos e aumentos obrigatórios nos salários dos trabalhadores (que, por sua vez, diminui a receita do imposto de renda). Além disso, a fraqueza da moeda, principalmente quando comparada ao franco suíço, colocou o consumidor sob pressão, visto a grande quantidade de empréstimos hipotecários emitidos nessa moeda. A Polônia é o país melhor posicionado na região, graças a uma grande economia doméstica, um governo estável e, no geral, benéfico ao mercado, e menor exposição à Zona do Euro. Mesmo que alguns consumidores estejam sob pressão, devido aos empréstimos em franco suíço, e que o governo tente consolidar, ainda mais, a política fiscal, é provável que a economia da Polônia apresente crescimento.

Estratégia de carteira

Apesar da relativa atratividade da Polônia, a maioria da capitalização do mercado disponível no país está em bancos ou em empresas estatais. O setor Bancário continua observando baixo crescimento nos empréstimos e alguns estão sobrecarregados com uma enorme quantidade de empréstimos em francos suíços. Muitas das empresas estatais possuem gestão fraca, altos custos e perfis nada atrativos de lucro. Portanto, encontramos valor nas poucas ações em que a gestão é forte, os lucros, altos e os ganhos, sustentáveis.

GRANDE PARTE DAS EXPORTAÇÕES É DESTINADA AOS PAÍSES DA ZONA DO EURO



Fonte: FMI, Bank of America Merrill Lynch

Turquia

Políticas monetárias não convencionais

Embora a Turquia apresente a melhor demografia e o melhor potencial de crescimento econômico no longo prazo, do que qualquer país membro da EMEA, a perspectiva a curto prazo é incerta. O país se encontra em uma posição constrangedora, ao tentar moderar a economia ao mesmo tempo em que tenta manter a lira e a inflação estáveis.

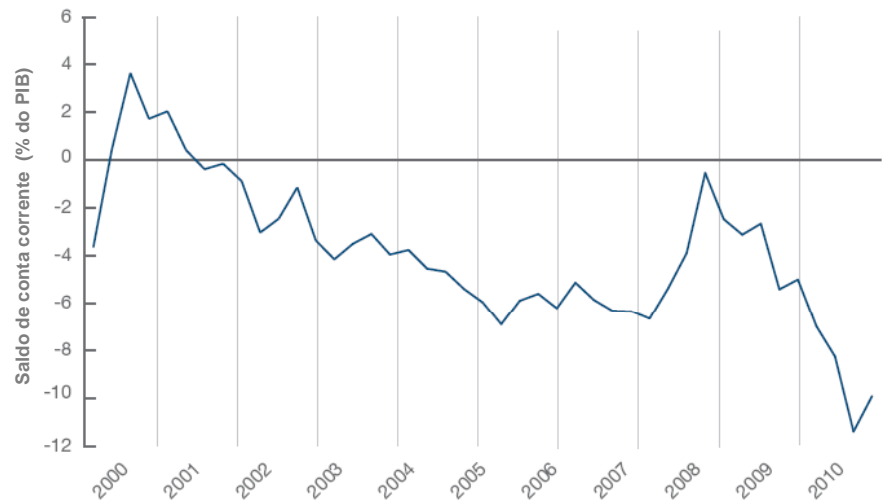
A política monetária não ortodoxa do Banco Central Turco conseguiu, em 2011, desacelerar, uma economia próxima do superaquecimento, porém teve como consequência a desvalorização da Lira, em mais de 20% e o aumento da inflação.

Agora, o Banco Central está invertendo o curso e apertando a política monetária. A Turquia está vulnerável pois tem um grande déficit em contas correntes financiado, principalmente, por fluxos de carteiras a curto prazo.

Os investidores estão cautelosos com relação à atuação do Banco Central e, portanto, se a inflação não ficar sob controle ou, se houver mais notícias negativas vindas da Europa, os investidores baterão em retirada, rapidamente, da Turquia.

Em um cenário assim, a lira pode se desvalorizar mais e o Banco Central teria que aumentar ainda mais as taxas, o que poderia causar não só uma considerável desaceleração da economia, como também uma possível recessão.

A TURQUIA PERMANECE VULNERÁVEL EM FACE DE SEU GRANDE DÉFICIT EM CONTAS CORRENTES



Fonte: Thomson Reuters Datastream

Estratégia de carteira

Dada a incerteza sobre a capacidade do Banco Central de desacelerar o crescimento econômico ao mesmo tempo em que mantém a inflação sob controle, estamos cautelosos com relação ao setor Financeiro e ao mercado de ações, no geral. O aperto da política monetária tem um impacto negativo direto nos ganhos dos bancos, que representa 50% do Índice MSCI Turkey.

A Turquia está vulnerável porque tem um grande déficit em contas correntes financiado, principalmente, por fluxos de carteiras a curto prazo.

África do Sul

Necessidade de reformas estruturais

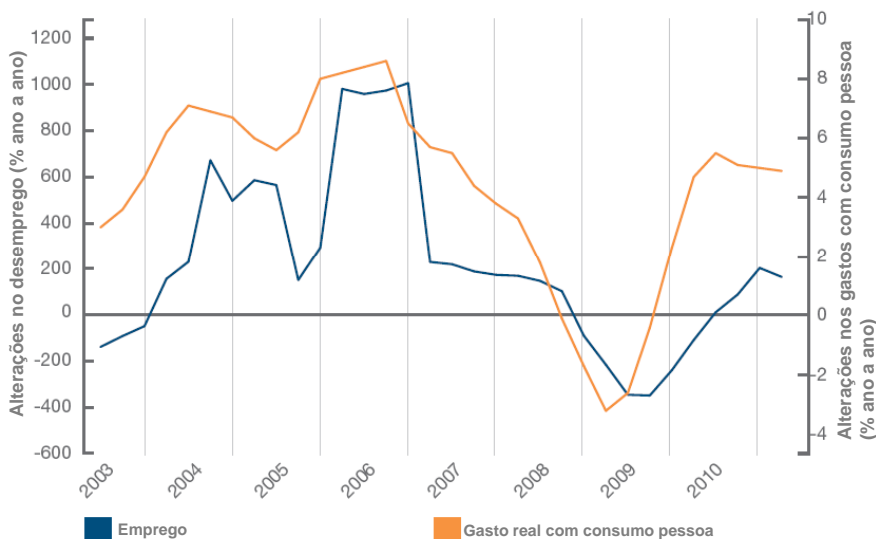
A África do Sul se destaca como a economia mais estável da região EMEA. Enquanto questões estruturais importantes atrasam o potencial de crescimento econômico do país, as políticas monetárias e fiscais conservadoras protegeram o país de choques perturbadores na economia. A inflação tem sido mantida dentro da meta do Banco Central da Índia e, embora o crescimento econômico esteja desacelerando, não prevemos uma recessão. As taxas de juros nominais permanecem nos seus índices mais baixos e o Banco Central tem indicado que, no momento, não haverá mudanças na política monetária. A falta de crescimento nas taxas de emprego continua assombrando, mas os últimos dados econômicos finalmente mostraram

criação de empregos. Embora a retórica política acalorada continue sendo manchete nos jornais, a política do governo tem permanecido estável. O maior problema é a falta de oferta de serviços a nível local, onde os fundos são usados de maneira incorreta ou não são usados para seus fins pretendidos. A maior dúvida para as perspectivas macro é a moeda altamente volátil, o rand sul-africano. Depois de valorizar por dois anos consecutivos, desvalorizou 15% nos últimos meses, com relação ao dólar americano. Se a aversão ao risco nos mercados globais continuar alta, o rand pode vir a enfrentar pressão maior, o que poderia levar a uma inflação mais elevada e um potencial aumento das taxas de juro.

Estratégia de carteira

A África do Sul se destaca por ter empresas que são altamente rentáveis com fortes balanços, assim como boa governança corporativa, especialmente no setor de consumo. Como resultado, o mercado oferece beta menor que os outros do EMEA. Há uma oportunidade de capitalizar no mercado de consumo intermediário, que foi beneficiado pelo aumento real de salário por muitos anos consecutivos e as taxas de juros nominais mais baixas da história. Permanecemos cautelosos nos setores industriais e de materiais básicos, dada a contínua fraqueza no investimento de capital fixo, assim como questões de produção e política no setor de mineração. Também não observamos um caso de investimento atrativo nos bancos, devido ao baixo crescimento dos empréstimos, aumento da inadimplência e pressões de custo.

ÁLTO ÍNDICE DE DESEMPREGO PREJUDICA AS PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO ECONÔMICO



Fonte: Thomson Reuters Datastream

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

As avaliações expressas pela nomenclatura da Standard & Poor variam de AAA (capacidade extremamente forte de cumprir seus compromissos financeiros) a D (inadimplente).

Essas classificações representam as opiniões das agências sobre a qualidade dos valores mobiliários que elas avaliam. As classificações são relativas e subjetivas e não são padrões absolutos de qualidade.

Definições dos índices

Índice KOPSI é o índice de todas as ações ordinárias negociadas na Divisão do Mercado de Ações da Bolsa de Valores da Coreia do Sul.

MSCI All Country Asia Pacific, menos o Japão, é um índice de capitalização ponderada do mercado, utilizado para medir o desempenho dos mercados acionários asiáticos, com exceção do Japão.

Índice MSCI AC World (Índice All Country World) é um índice de capitalização ponderada do mercado, usado para medir o desempenho dos mercados de ações emergentes e desenvolvidos. O índice MSCI ACWI consiste do índice de mercado de 45 países, sendo 24 desenvolvidos e 21 emergentes.

Índice MSCI China é um índice de capitalização de Mercado das ações chinesas que inclui empresas afiliadas à China e ações H listadas na Bolsa de Valores de Hong Kong e ações B, listadas nas Bolsas de Xangai e Shenzhen.

Índice MSCI Emerging Markets é um índice de capitalização de mercado, utilizado para medir o desempenho dos mercados de ações emergentes.

Índice MSCI India é um índice de capitalização de mercado, utilizado para medir o desempenho do mercado de ações da Índia.

Índice MSCI Latin America é um índice de capitalização ponderada do mercado, utilizado para medir o desempenho dos mercados emergentes na América Latina.

Índice MSCI World é um índice de capitalização de mercado, utilizado para medir o desempenho dos mercados de ações desenvolvidos.

Glossário de Termos

Alpha é a taxa anormal de retorno de um título ou carteira, a maior, do que seria previsto por um modelo de equilíbrio.

Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) é a associação de países do sudeste asiático, formada para promover o desenvolvimento cultural, econômico e político da região.

Commodities são produtos básicos usados no comércio, que podem ser intercambiáveis por outras *commodities* do mesmo tipo.

Demanda agregada é a quantidade total de mercadorias e serviços procuradas na economia, em um determinado período de tempo e em a um determinado nível de preço.

Despesas de capital são fundos utilizados por uma empresa para adquirir ou atualizar seus ativos fixos, como propriedade, prédios industriais e equipamentos.

EMEA é a abreviação, em inglês, para a região da Europa, Oriente Médio e África.

Indicador Preço/Lucro (P/L ou, da sigla em inglês P/E) é a relação entre o preço da ação de uma empresa e seu lucro por ação.

Indicador Price-to-Book (P/B) é a relação usada para comparar a cotação e o valor contábil e é calculado pela divisão do preço de fechamento atual da ação pelo valor contábil no último trimestre por ação.

Índice de Preços de Alimentos da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) é um indicador internacional do custo dos alimentos nos mercados mundiais, que consiste da média dos índices de preços de cinco grupos de commodities.

Índice de Preço ao Consumidor (IPC) é a medida que analisa a média ponderada dos preços da cesta básica e de serviços básicos, como transporte, alimentos e assistência médica.

Índice de Preço ao Produtor (IPP) mede a alteração média, ao longo do tempo, dos preços de vendas recebidos pelos produtores domésticos por sua produção.

Índice de Produção Industrial (IPI) indicador econômico, que mede o volume da produção de manufaturas, minérios, indústria elétrica e gás.

Índice de Volatilidade dos Mercados Negociados na Bolsa de Chicago (CBOE), conhecida como VIX, mostra a expectativa do mercado com relação à de volatilidade de 30 dias. O VIX é uma medida de risco de mercado, amplamente usada e frequentemente chamada de “medidor de medo dos investidores”

Mercados desenvolvidos são os países considerados os mais desenvolvidos e, portanto, os que apresentam menos risco.

Mercados emergentes (ME) são nações que apresentam atividade social e de negócios em processo de rápido crescimento e industrialização e que podem estar sujeitos a riscos adicionais econômicos, políticos, de liquidez e de moeda, não associados aos países desenvolvidos.

Produto Interno Bruto (PIB) é o valor monetário de todos os serviços prestados e produtos manufaturados dentro das fronteiras de um país, em um período específico.

Taxa de Depósito Compulsório é uma regulamentação do Banco Central que estabelece a reserva mínima que cada banco comercial deve reter, em vez de emprestar, de depósitos e cédulas de clientes.

Títulos Públicos dos EUA são comerciáveis, títulos de dívida de juros fixos do Governo dos EUA, com vencimento de mais de 10 anos.

Valorização da moeda é um aumento no valor de uma moeda com relação à outra.

Este material é um breve resumo de determinados assuntos econômicos, sob a ótica dos gestores da Mirae Asset Global Investments Group e possui finalidade meramente informativa. As informações contidas neste material não têm o propósito de prestar qualquer tipo de consultoria financeira, de recomendação de investimentos e não constituem uma oferta ou recomendação para compra ou venda de quotas de qualquer fundo de investimento gerido pela Mirae Asset ou de quaisquer outros valores mobiliários. As fontes são consideradas confiáveis e em boa fé, mas nenhuma representação ou garantia, dada acerca de sua exatidão, integralidade ou precisão. Recomenda-se ao leitor consultar seus analistas e especialistas particulares antes de realizar qualquer investimento. A Mirae Asset não se responsabiliza pelas decisões de investimento tomadas pelo leitor. A Mirae Asset Global Investimentos (Brasil) não comercializa nem distribui quotas de fundos de investimento ou qualquer outro ativo financeiro. Fundos de investimento não contam com a garantia da instituição administradora, do gestor da carteira ou do FGC - Fundo Garantidor de Créditos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. Ao aplicar seus recursos é recomendada a leitura cuidadosa do Prospecto e do Regulamento do Fundo. Todas as informações, opiniões e conteúdo contido nesse documento constituem nosso julgamento nesta data e estão sujeitas a alteração sem prévia comunicação. O conteúdo deste documento não deverá ser reproduzido, distribuído ou publicado sob qualquer propósito, sem a prévia e expressa autorização por escrito da Mirae Asset.

